

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS – UFPEL**  
**CENTRO DE ARTES – CA**  
**CURSO DE TEATRO LICENCIATURA**



Trabalho de Conclusão de Curso

**O FANTÁSTICO MUNDO DO TEATRO:**

**Uma perspectiva Estético-Ambiental sobre o desenvolvimento de uma  
pessoa deficiente visual**

**Andressa dos Santos Blaas**

**PELOTAS, 2021**

**ANDRESSA DOS SANTOS BLAAS**

**O FANTÁSTICO MUNDO DO TEATRO:**

**Uma perspectiva Estético-Ambiental sobre o desenvolvimento de uma  
pessoa deficiente visual**

Trabalho de conclusão de curso  
apresentado no curso de Teatro  
Licenciatura, do Centro de Artes – CA,  
da Universidade Federal de Pelotas –  
UFPEL

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Msc. Pauline  
Apolinario Czarneski Rezende.

**PELOTAS, 2021**

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de  
Bibliotecas Catalogação na  
Publicação

B628f Blaas, Andressa Santos

O fantástico mundo do teatro : uma perspectiva  
estético-ambiental sobre o desenvolvimento de uma  
pessoa deficiente visual / Andressa Santos Blaas ;  
Pauline Apolinario Czarneski Rezende, orientadora. —  
Pelotas, 2021.

61 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Teatro)  
— Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas, 2021.

1. Teatro. 2. Educação inclusiva. 3. Deficiência  
visual. I. Rezende, Pauline Apolinario Czarneski,  
orient. II. Título.

Elaborada por Simone Godinho Maisonave CRB:  
10/1733

**Dedico este estudo às pessoas com deficiência visual, suas famílias, aos meus colegas professores e reabilitadores Visuais, a Professora Msc. Pauline Apolinario Czarneski Rezende, a minha mãe Mara Rejane, meu marido Régis, aos meus avós Eneiva e Adelino e a Associação Escola Louis Braille.**

## **AGRADECIMENTOS:**

"[...] só se vê bem com o coração. O essencial é invisível aos olhos." (O pequeno Príncipe – Saint-Exupéry, p. 72, 2015)

Primeiramente gostaria de agradecer a Deus e Nossa Senhora Aparecida por me escutarem, mesmo que de um plano desconhecido e por me guiarem sempre em minhas escolhas, que me trouxeram até aqui.

À Associação Escola Louis Braille, por ter me oportunizado trabalhar com o Teatro e com tantas pessoas que fazem parte da minha vida, levando-me a desenvolver este processo que é tão importante pra mim, muito obrigada.

À minha orientadora, que viabilizou e me incentivou muito, sem ela eu não teria conseguido. Prof.<sup>a</sup> Msc. Pauline Apolinario Czarneski Rezende, obrigada por não desistir de mim e me fazer acreditar que eu consigo, tua dedicação foi minha maior motivação, sem dúvidas tu és muito especial em minha vida. Nas vezes que pensei em desistir lembrei de ti e o quanto tu acreditou nesse processo e sempre me motivou a continuar, não tenho palavras para agradecer. Obrigada por tudo.

À Mara Rejane da Silva Santos, minha mãe, que segurou umas quantas pontas, por me oportunizar utilizar a casa dela, nunca negar-se em me ajudar, me aguentar nos momentos de choro e desilusão, não me deixar abater e sempre falar palavras de motivação, carinho e incentivo, sem falar nos sermões e da frase: “Vamos minha filha, alguma coisa tu tens que terminar”. Te amo mãe.

Ao meu marido, Regis de Souza Vitória, que sempre acreditou em mim, foi muito compreensivo, assumiu a dianteira da casa, que durante o processo não media esforços em me levar e trazer, que sempre comprou minhas ideias e me ajudou. Dizia-me sempre, quando eu estava exaurida ou cansada, palavras de motivação com muito amor e carinho. Foi essencial em todos os momentos, obrigada por tudo. Te amo, amor.

Aos meus avós Eneiva da Silva Santos e Adelino Ribeiro dos Santos, que são, pra mim, uma inspiração de vida e que sempre me amaram sem pedir nada

em troca. Que me auxiliaram sempre em todas as minhas loucuras, me ajudaram costurando, fazendo os lanches, ajudando a montar o espaço, levando-me para lá e para cá. Obrigada, amo vocês incondicionalmente.

À família da atriz e a ela mesma por aceitar e confiar em mim durante todos os momentos que me propiciaram estar aqui. E por me oportunizar estar com vocês e aprender tanto todos os dias.

Aos meus colegas que sempre embarcam nas minhas loucuras, que me escutam e não medem esforços para ajudar e estar sempre apoiando e confiando em mim.

Às professoras da banca, que aceitaram estar junto de mim nesse momento tão especial em minha vida.

E para terminar, não poderia deixar de agradecer aos meus filhos *pets*, por estarem sempre ao meu lado quando estava cansada, triste ou muito focada, chamando minha atenção ou dando-me muito carinho. Geromel (filho canino) e Walter (filho felino), amo vocês filhotinhos.

## RESUMO:

BLAAS, Andressa Santos. **O fantástico mundo do Teatro: um perspectiva estético-ambiental sobre o desenvolvimento de uma pessoa deficiente.** 2021. Trabalho de Conclusão de Curso – Curso de Teatro Licenciatura, Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2021.

O presente trabalho se propõe a relatar e refletir acerca de uma prática teatral realizada com uma criança com deficiência visual e cognitiva, residente da cidade de Pelotas e aluna da Associação Escola Louis Braille. A proposta foi planejada, realizada e teve sua análise em concordância às teorias que compõem esta pesquisa, com objetivo de mostrar a inserção de uma criança com deficiência visual à linguagem teatral. Para tanto, respaldamo-nos em ideais apresentados sobre Educação Estético-Ambiental (REZENDE, 2018), nos aportes de Taís Ferreira (2012) e Viola Spolin (2010), nas concepções de corpo e suas relações apresentadas por Michael Foucault (1999) e Pina Bauch (2000), os ideais de educação expressos por Freire (1997), e demais teóricos que entrelaçam essa pesquisa. A metodologia escolhida foi o modelo sócio histórico pela perspectiva de Vygotsky, que se dá sobre o desenvolvimento do processo vinculando à pesquisa. Nas análises, apresentamos os relatos de quatro pessoas envolvidas de forma direta no trabalho desenvolvido e as suas percepções e sensações a partir dele, sendo elas evidenciadas através de entrevistas semiestruturadas, realizadas com profissionais que atuam com a aluna, sua mãe e a própria aluna/atriz, aproximando e dialogando os relatos e atravessamentos vividos durante o desenvolvimento do processo em diversos ambientes. Dessa forma, torna-se imprescindível a abordagem sobre inclusão de deficientes a todos os meios, com enfoque no caráter escolar, levando as escolhas de processo a uma costura com apropriação e encorajamento tanto meu, quanto da aluna/atriz.

**Palavras-chave:** Teatro, Educação inclusiva, Deficiência Visual.

## RESÚMEN

BLAAS, Andressa Santos. **El mundo fantástico del teatro: una perspectiva estético-ambiental sobre el desarrollo de una persona discapacitada.** 2021. Trabajo de Conclusión del Curso - Título del Curso de Teatro, Centro de Artes, Universidad Federal de Pelotas, Pelotas, 2021.

El presente trabajo propone relatar y reflexionar sobre una práctica teatral ocurrida con una alumna con deficiencia visual y cognitiva residente de la ciudad de Pelotas, ella también es alumna de da “Associação Escola Louis Braille”. La propuesta fue planeada, realizada y analizada de acuerdo con las teorías que componen esta búsqueda, con el objetivo de exponer la incerción de una niña con debilidad visual al lenguaje teatral. Para tanto, apoyamos los ideales presentados sobre Educación Estético-Ambiental (CZARNESKI REZENDE, 2018), las contribuciones teóricas de Taís Ferreira e Viola Spolin las concepciones de cuerpo y sus relaciones presentadas por Michael Foucault (1999) y Pina Bauch (2000), los ideales de Educación expresos pro Freire (1997), y otros teóricos que entrelazan nuestra búsqueda. En la metodología presentamos los presupuestos metodológicos socio histórico por la perspectiva de Vygotsky, que habla sobre el desarrollo del proceso vinculado a la búsqueda.. En las análisis, presentamos los relatos de cuatro personas las cuales se involucraron de manera directa en el trabajo desarrollado y sus percepciones y sensaciones a partir de ello, siendo ellas evidenciadas a partir de entrevistas semiestructuradas que fueran hechas con profesionales que actúan con la alumna, así como sú madre y la alumna que ha participado. De esta manera fue posible aproximar los diálogos en los relatos y lo que atraviesa a lo que fue vivido mientras ocurrida el desarrollo del proceso en diversos ambientes los cuales la chica habitaba. De esta manera, se muestra esencial el abordaje sobre inclusión de personas con debilidades a todos los espacios, con el enfoque mayor en el carácter escolar, llevando las elecciones de los procesos con una tesitura con apropiación y compromiso mío y de la actriz.

**Palabras-Clave:** Teatro, Educación Inclusiva, Deficiencia Visual.



## **SUMÁRIO:**

<b>INSERÇÃO AO FANTÁSTICO MUNDO...</b>	<b>8</b>
<b>UM PROCESSO TEATRAL COM UMA DEFICIENTE VISUAL</b>	<b>15</b>
<b>TRILHAS METODOLÓGICAS</b>	<b>28</b>
<b>PRÁTICA DE ENCENAÇÃO, PROCESSO ARTÍSTICO</b>	<b>31</b>
<b>OLHAR SOBRE OS REGISTROS</b>	<b>35</b>
<b>TECITURAS FINAIS</b>	<b>45</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>49</b>
<b>APÊNDICES</b>	<b>51</b>
<b>ANEXOS</b>	<b>61</b>

## INSERÇÃO AO FANTÁSTICO MUNDO...

“...se antes de cada acto nosso, nos puséssemos a prever todas as consequências dele, a pensar nelas a sério, primeiro as imediatas, depois as prováveis, depois as possíveis, depois as imagináveis, não chegaríamos sequer a mover-nos de onde o primeiro pensamento nos tivesse feito parar.” (José Saramago - Ensaio sobre a Cegueira)

O presente Trabalho de conclusão de curso tem por temática principal o trabalho com o Teatro para o desenvolvimento físico, sensível e social de uma criança com deficiência visual. Além disso, é fruto de uma necessidade de viabilizar uma investigação do corpo, espaço e da relação entre eles, vivenciada por uma pessoa deficiente visual, desenvolvendo-se a partir de uma experiência teatral. O referido processo tornou-se inspiração para elaboração desta pesquisa, já que foi possível realizar uma constatação *a priori* de as experiências vividas terem sido expressivas para o desenvolvimento cognitivo e social da criança supracitada. Essa buscou conhecer a realidade de uma criança de 12 anos de idade, residente na cidade de Pelotas, na região sul do Rio Grande do Sul. Foi possível detectar, em um primeiro momento, que a experiência propiciou um aprofundamento sensível da criança com relação a si e a sua autonomia.

Todavia, para iniciarmos a fala com relação ao processo é interessante saber um pouco mais sobre mim e minhas motivações para escolher tal temática. No início do ano de 2016, tive o prazer de ser convidada a ingressar no trabalho como professora da disciplina de Artes na Associação Escola Louis Braille, onde trabalhava em conjunto com diversos colegas de áreas distintas. Todos têm o enfoque comum no desenvolvimento global e na autonomia dos alunos com deficiência visual. Na metade do ano, o professor de Teatro da Associação assumiu seu contrato com a prefeitura, deixando seu cargo e, juntamente, me oportunizando trabalhar como professora da linguagem na Escola.

Durante as aulas de Teatro, trabalhei com um grupo de 28 alunos, entre 6 e 60 anos, com múltiplas deficiências associadas a deficiência visual (o público da Escola), onde me foi perceptível que, a potência corporal e o ato de permitir-se é aquilo que move e impulsiona o ser. Nesse mesmo ano, tive o prazer de desenvolver uma áudio-peça (peça reproduzida por áudios), com

audiodescrição<sup>1</sup>, em espaço limitado. A peça foi intitulada “O Circo do Braille”, onde participaram todos os envolvidos no processo e a apresentação ocorreu na Feira do Livro de Pelotas e, posteriormente, na sede da Associação Escola Louis Braille, a fim de contemplar o público ausente na estreia, possibilitando uma nova experiência.

Em 2017, realizamos a releitura de “A Bela e a Fera” e “A Bela Cega”, trabalhando inúmeras capacidades do corpo, expressão, noção espacial e tantos outros conhecimentos básicos proporcionados pela visão e que a nós, videntes, são tratadas como normais. Ao ingressar na Associação já havia instaurado-se em mim a vontade em desenvolver minha pesquisa de TCC sobre o deficiente visual e foi quando tive a ideia de observar e trabalhar com o grupo de Teatro do Braille em prol dela. Porém, o destino prega peças, e no meio do processo fui submetida a uma reviravolta, onde percebi que o trabalho junto a uma criança com deficiência visual, iria tornar-se mais específico para um acompanhamento gradual do processo desse corpo. Dessa forma, permiti-me refletir e pensar no sujeito que faria parte dessa empreitada comigo, com um sorriso no rosto e sem medo de encarar os desafios.

A atriz/aluna/participante da peça retratada na pesquisa, foi minha aluna desde meu ingresso na Associação, iniciando nas aulas de Artes, seguindo para as de Teatro. Ela adora fazer parte de apresentações, nas peças as quais tive o prazer de desenvolver, a protagonista não foi outra, senão ela. A aluna tem uma capacidade de absorção e decorar texto de maneira ímpar. Contudo, possuía um enrijecimento corporal e medo da disposição do espaço. Sendo assim, comecei a pensar em maneiras para que pudéssemos dar continuidade em um trabalho onde traríamos elementos para compor a prática.

Em decorrência dessa vivência e escolhas, realizei uma busca sobre materiais relacionados à prática de teatro com deficientes visuais, onde foi possível notar uma dificuldade acerca de tal ponto, encontrando, em maior

---

<sup>1</sup> O recurso audiodescrição consiste na tradução de imagens em palavras, tornando possível à pessoas cegas ou portadoras de baixa visão, a possibilidade da compreensão de conteúdos imagéticos, como fotografias, ilustrações, gráficos, vídeos, etc.

frequência, temáticas sobre teatro sensorial ou adaptado<sup>2</sup>. Isso tornou-se a principal problemática encontrada anteriormente à pesquisa, originando-a.

O objetivo geral do trabalho é mostrar a inserção de uma criança com deficiência visual à linguagem teatral. Ao longo desse, irei destacando descobertas, meios e visando descrever o quanto a *práxis* está fundida ao contexto, vivências e aos atravessamentos da concepção humana, reverberando uma inclusão ativa através de adaptações funcionais e busca pelo espaço de todos.

A instituição onde iniciou-se o processo foi a Associação Escola Louis Braille Pelotas/RS, onde são atendidas pessoas com deficiência visual, desde a estimulação até a reinserção através de reabilitação, como anteriormente citado, escolarização e auxílio extra curricular. Essa instituição proporcionou-me um trabalho com diversos alunos, em uma turma de Teatro, onde tive o prazer de desempenhar o papel de professora. Tal experiência, foi remetendo-me à pesquisa, elaboração, criação e aplicação de atividades, fazendo-me identificar e problematizar a dificuldade de um corpo não vidente relacionado a compreensão do espaço, das expressões faciais ligadas as emoções e reações, levando a um anseio e investida no projeto de interação com corpo, espaço, fala, voz, texto, criação e performance. Tudo isso em um único ser, uma deficiente visual, que tem uma percepção de luz por profundidade mínima.

O processo teve início diante a apresentação de uma proposta de trabalho para a menina mencionada anteriormente, que concordou e interagiu com sua elaboração, desde a construção da história, cenário e da partitura corporal. O desenvolvimento deu-se através de encontros semanais, fora do ambiente escolar, onde trabalhamos com materiais concretos, construímos uma relação de trabalho junto à família e a escola, buscando conhecer a realidade e as mudanças que o processo reverberava na construção da autonomia dessa criança, o que vem ao encontro da teoria abordada por Rezende (2018), quando menciona:

---

<sup>2</sup> Em pesquisa realizada na plataforma Google Acadêmico, em maio de 2021, encontrei poucos materiais sobre deficientes visuais e teatro, sendo eles com enfoque diferente a proposta, em nível nacional e estadual. Em caráter regional não encontrei nenhum material.

[...]compreendo que olhar ecologicamente o desenvolvimento de pessoas, [...], significa compreender “pessoas-em desenvolvimento”, e compreender o desenvolvimento de maneira contextualizada com as esferas que circundam os sujeitos. Quando olhamos ecologicamente para nossos sujeitos, estamos buscando contextualizar tudo o que o forma culturalmente e socialmente. Estamos buscando entender os sistemas os quais interferem direta e indiretamente em seu desenvolvimento, procuramos compreender também as situações e os ambientes que trabalham mutuamente para o processo desenvolvidor. (REZENDE, 2018, p.41)

Deste modo, diante da experiência vivenciada nas aulas de Teatro, e também pela ausência de trabalhos científicos voltados especificamente para esta temática, o que de certa forma voltou minhas atenções à necessidade da escrita do trabalho em questão, identificou-se a possibilidade de ampliar conhecimento e investigação, no que diz respeito ao processo de aportes acerca de uma metodologia específica para pessoas com esse tipo de deficiência física. Viso, que tais pessoas tenham uma melhor percepção de seu entorno e também de si próprias, visto que os resultados de intervenção propiciaram uma percepção positiva no que se refere à autonomia, reverberando em novos posicionamentos e habilidades. Neste momento, vou de encontro, também, à teoria de Ferreira (2012), no que tange às necessidades da exploração da arte teatral com as pessoas em sociedade. A autora declara:

Essa competência é mais do que necessária ao sujeito no mundo contemporâneo, no qual a espetacularidade, as imagens e os sons recheiam nossos cotidianos, nos incitam a construir sentidos, significados, construindo nossas identidades e subjetividades, acerca dos quais nem sempre pensamos ou nos posicionamos de forma crítica e consciente. (FERREIRA, 2012, pág. 9).

Para o desenvolvimento do processo, utilizei de uma perspectiva de Vygotsky (2000), diante aos objetos de investigação, ressaltando a relação do ser humano com a sociedade, a cultura e tudo o que permeia e atravessa. O autor indica que “caracterizar os aspectos tipicamente humanos do

comportamento e elaborar hipóteses de como essas características se formam ao longo da história humana e de como se desenvolvem durante a vida do indivíduo” (VYGOTSKY, 2000, p.25), acreditando, assim, que a proposta relacionada de análise dá-se por identificar e priorizar o desenvolvimento desse processo através da criação de meios que relacionam a cognição da prática, tanto na docência em teatro, quanto na relação do sujeito da pesquisa com o mundo.

Assim sendo, a pesquisa acontecerá em uma perspectiva sócio histórica, onde irei expor o processo diante das experiências vivenciadas, tanto pelo âmbito da experientiação, quanto ao que foi desenvolvido no campo cognitivo, identificando, de tal maneira, como ocorreu o processo de mudança dentro de uma prática relacionada ao ato de auto reflexão e investigação. Priorizando perceber o que foi movimentado e modificado através da relação entre corpo e mundo. Para o processo, foi escolhido trabalhar um texto de criação coletiva, da pesquisadora e do sujeito de pesquisa, com espaço delimitado e sensorial, relacionando a prática com a vivencia, para que houvesse uma relação de homogeneização do corpo e da mente, com finalidade de criação de uma parte interior do ser e o que a compõe.

Sendo assim, através de entrevistas realizadas com a criança participante da inserção na linguagem teatral, tal como a alguns adultos envolvidos em seu cotidiano, será realizada uma análise sobre o processo, intitulado pela participante como: “O fantástico mundo de Dóris”, que compreende sua história de vida, do que se passa na cabeça de uma deficiente visual e como ela enxerga seu mundo através dos sentidos e do seu próprio eu. E além do processo, vamos atentar nossas análises para os aspectos transformadores na vida da criança, a partir dele, suas interações na escola e em seu ambiente familiar, e o próprio autoconhecimento vivenciado por ela. Para ocorrer determinado planejamento, pensamos em uma série de perguntas a serem realizadas por meio de entrevistas semiestruturadas. Assim como afirma Vygotsky (2000), é necessário que os fenômenos humanos sejam estudados em seu processo de transformação e de mudança. Viabilizando a análise através de vertentes

voltadas a construção do processo e o que reverberou como impacto de transformação.

A proposta traz como objetivo a importância do Teatro na vida de uma criança com deficiência visual, a qual necessita desenvolver maior conhecimento sobre si, em âmbito sensível e físico, levando a construção da sua autonomia, através do desenvolvimento corporal, da criação de noção espacial, a relação das emoções e principalmente a capacidade de estruturação e desempenho do todo. Ressaltar o Teatro como uma prática para desenvolvimento do deficiente visual, podendo assim, melhorar sua capacidade de mobilidade, expressão, corporal, reverberando em um ser que não passe despercebido ao exterior, trabalhando o autoconhecimento e ampliando as ações corporais, levando a uma noção mais ampla do abstrato, que são as emoções e sensações, com intuito de estimular a materialização daquilo que é sentido, não do que é visto, fazendo com que se torne uma prática prazerosa e com efeito ímpar diante de uma intenção individual.

Mediante a isso, a necessidade desse trabalho é vista como de suma importância para iniciativas de maiores investimentos nos campos de pesquisa com relação ao desenvolvimento de crianças com deficiência, no contexto da dita normalidade, levando assim, uma apropriação de todos os espaços, ocasionando um olhar para a falta de investimento na área do Teatro inclusivo com deficientes visuais, reverberando em um mais amplo conhecimento através das intervenções tanto do contexto externo, quanto da autonomia deste ser.

Por esse anseio e pelo engajamento de uma nova formatação do ato de envolver-se no desenvolvimento de outra pessoa, juntamente a tudo que vem sendo discutido recentemente acerca de inclusão social, deficiência e estrutura, principalmente nas instituições de ensino, foi possível perceber uma real necessidade de adequação no sistema, levando a questionar o todo e programar um processo no qual o maior investimento seriam as propostas e aplicações, os quais viriam a reverberar em uma melhora significativa da autonomia em todos os espaços onde ela estiver, ocasionando uma mudança real e necessária, fazendo presente uma investigação, elaboração e prática, através da arte teatral, do autoconhecimento e seu entorno, com intuito de propiciar uma experiência de desenvolvimento de habilidades físicas e sensoriais, relacionando diretamente

às questões Estético-Ambientais, como ressalva Rezende (2018): “desta maneira acredito que o teatro é um meio para que haja uma Educação Estético-Ambiental que se efetive nos processos educacionais”(REZENDE, 2018, p.36).

Para a pesquisadora, esse processo foi de suma importância na composição da pessoa que é hoje, de como observa o mundo, as relações, o sentir, levando quaisquer angustias para outro patamar, onde é possível notar que a cada três passos que dávamos, retrocedíamos um, ajustávamos aqui e ali, mas ao final tudo encaixava-se e quando percebíamos a necessidade de alguma adaptação, realizávamos para um alcance mais amplo dos objetivos. Buscamos fazer o melhor e de maneira mais marcante em nossas vidas, nas ações através dos atravessamentos, que trouxeram maturidade, causando melhora na autoconfiança, no autoconhecimento, e na pesquisadora, uma motivação para expor esse processo, onde possa despertar um encorajamento no tentar, pesquisar, investir e vivenciar as sensações, desde o estranhamento, passando pela admiração e culminando na vontade em investir no outro e suas potencialidades.

## **UM PROCESSO TEATRAL COM UMA DEFICIENTE VISUAL**

“Eu não estou interessada em como as pessoas se movem, mas  
no que as faz se mover”

(Pina Bauch)



Visando mostrar a inserção à linguagem teatral, com a finalidade de promover o desenvolvimento de uma criança com deficiência visual, no presente capítulo, vamos abordar os temas referentes ao ato de propiciar a inclusão desta criança, utilizando como fundamentação teórica autores que, de maneira diferente, uniram a proposta de investigação ao ato de ensinar. Levando-nos a refletir sobre a maneira como vem acontecendo o incluir e ser incluído, a doutrinação, a padronização, remetendo a inclusão ativa e necessária, levando em conta o caráter estético-ambiental e a estrutura que compõe os atravessamentos, tal como leis que amparam e garantem os direitos a todos.

Para executar o trabalho, tornaram-se necessários aportes da perspectiva de avanços na educação, onde foi possível observar a necessidade de uma organização sistêmica, a fim de propiciar um ambiente favorável ao desenvolvimento da autonomia do deficiente visual em diferentes habilidades. O contexto da escolha dos diferentes aspectos envolvidos no trabalho realizado, foram organizados para desvendar possibilidades que caminham lado a lado com o desenvolvimento humano, o conhecimento e a elaboração de estratégias educativas e condizentes com a proposta apresentada.

A abordagem teórica desta pesquisa inicia-se diante da leitura e aproximação aos pensamentos apresentados por Michel Foucault (1999) em sua obra "Vigiar e punir". Durante a construção da forma como seria elaborado o processo abordado nesta pesquisa, ressaltamos a necessidade de refletir sobre a maneira como o sistema educacional vem se estabelecendo social e historicamente. Por esse motivo, nos debruçamos sobre a busca de novos caminhos permeáveis, para uma melhor desenvoltura e compreensão da dificuldade de incluir um deficiente visual, tanto nos espaços educativos quanto em uma arte corporal, sensitiva, emocional e ativa como o Teatro.

Na leitura, é possível destacar trechos que redefinem esses avanços históricos dentro da nova modernidade. De acordo com o pensamento do autor, "[...]o corpo, do qual se requer que seja dócil até em suas mínimas operações, opõe e mostra as condições de funcionamento próprias a um organismo"

(FOUCAULT, 1999, p. 150). Ou seja, a construção de um trabalho que englobe a experiencição corporal e mental diante das ações impostas e concretas, passa por alterações nas oscilações humanas, isto é, a maneira como sentimos e nos relacionamos no espaço é afetada pela forma como nele somos concebidos.

É possível vislumbrar de maneira clara, diante da colocação da autora Pauline Apolinário Czarneski Rezende (2018), em seu texto “Educação Estético-Ambiental na Formação de Professores: Transformações e Percepções Possíveis a Partir da Linguagem Teatral”, onde ela ressalta nossa pluralidade no mundo enquanto sujeitos habitantes, juntamente ao que nos compõe, o quão necessário é a coletividade, mesmo que ocorra um espaço único, viabilizando uma relação do ambiente com a proposta:

Algo que deve ficar claro é a consideração que devemos ter para com as características pessoais de cada pessoa envolvida no processo, ou seja, a bagagem psicológica e cultural de cada sujeito, pois é isto que permite uma pluralidade de identidades, o que torna as interações e acontecimentos mais interessantes. Uma coisa é certa, em nossa sociedade não existe homogeneidade, somos seres plurais. Com formações e constituições distintas, que juntos podem formar um coletivo, mas, temos que ter bem claro em nosso pensamento, que a heterogeneidade é que permite essa gama de pensamentos e concepções. (REZENDE, 2018, p. 43)

Partindo disso, a necessidade de trabalhar uma intervenção na vida de alguém com deficiência visual através do Teatro, aproxima a ideia de inserção e apropriação em todos os espaços, tal como o preenchimento de lacunas que existem na vida de quem não está no padrão, na inclusão educacional, levando assim a ampliação da pluralidade. De tal modo, o processo fundiu as ações, vivências, particularidades, necessidades de investigação de um corpo e principalmente a vontade de uma busca constante. A docência anseia por isso, a necessidade eminente da inclusão efetiva. Há uma fusão entre autoras, pois com os pensamentos de Maria Teresa Egler Mantoan (2003), em seu livro “Inclusão Escolar: O que é? Porque? Como Fazer?” vimos que “ideias e

verdades não nos tiram inteiramente de dificuldades e muito menos são definitivas. Temos de nos habituar e reaprender constantemente com as nossas ações, individuais ou coletivas: esse é o material infalível” (MANTOAN, 2003, p.8). Compreende-se por material infalível a construção de um processo de assimilação corporal e o conhecimento contextualizado de sua autonomia. Aproximando o objeto de estudo de uma maneira mais efetiva com relação ao ato de praticar, ou seja, a prática educacional aqui estabelecida precisa ser palpável para que se possa fazer acontecer de maneira objetiva e concreta. Dando ênfase as emoções as quais compunham todo o trabalho, fazendo assim, com que conduzam a aproximação do corpo e as suas descobertas.

Ao relacionarmos a emoção e a razão, quando inseridos em uma proposta que viabilize a construção da consciência corporal, que é o caso do estabelecido neste trabalho, o ato de racionalizar-se pode tornar-se mais difícil, uma vez que, para uma pessoa com deficiência visual, a maneira como ela se coloca no espaço é de extrema importância para sua liberdade de movimentos e a forma como ela ali estabelece sua interação. Por esse motivo, é importante dizer, que para um trabalho voltado a tal ponto, devemos pensar na organização do ambiente onde ele acontecerá, para que seja conhecido pela pessoa e dessa forma, ela se sinta confortável e livre para desenvolver experiências no que está sendo vivenciado.

Neste seguimento, visou-se identificar a compreensão desse corpo, tudo o que o permeia e atravessa, sua história, suas experiências, os aprendizados e a maneira como ele é concebido sócio historicamente, relacionando ao processo de inclusão aos meios. Como ressaltado por Mantoan (2003): “no desejo da homogeneidade, que tem muito em comum com a democracia de massas, destruíram-se muitas diferenças que hoje nós consideramos valiosas e importantes.” (MANTOAN, 2003, p 21).

No mesmo sentido das percepções de Foucault (1999), sobre a concepção de docilidade do corpo, que passa por uma séria transformação onde a mecanização e a metodologia trabalham para que se tenha um encontro rentável no desenvolver e interagir. Para pessoas com deficiência visual, esses pontos e aspectos são excludentes da realidade, partindo do princípio que o

tempo para realizar a leitura geral, tanto concreta quanto subjetiva, da construção de uma bagagem cultural e pessoal, é determinado de maneira ímpar, diferenciado para cada indivíduo. E para que seja significativo, precisamos considerar essas particularidades.

O momento histórico das disciplinas é o momento em que nasce uma arte do corpo humano, que visa não unicamente o aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto é mais útil, e inversamente. Forma-se então uma política das coerções que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos. O corpo humano entra numa máquina de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe. (FOUCAULT, 1999, p. 164).

Na citação acima, aproximamos a real necessidade de renovação defronte do diferente, levando a um investimento na área psicológica e espacial, através do Teatro, ampliando uma mobilidade mais autônoma, remetendo a necessidade de busca do ser, que não enxerga, vinda de dentro da moldura que o oprime, mas que ao mesmo tempo encontra forças para seguir e criar um empoderamento do seu próprio corpo, através da apropriação de si. Neste trabalho, vimos que o corpo e o espaço se fundem e são uma só essência, viabilizador das experimentações, a fim de propiciar o autoconhecimento mencionado.

A proximidade estabelecida entre o sujeito e o meio gera uma apropriação de si, construindo um contexto que remete à uma perspectiva segregacionista imposta pelo sistema, que hoje está sofrendo uma desconstrução e reorganização, a fim de reposicionar a visão sobre as questões, principalmente no que tange às pessoas com deficiência. O que podemos notar mais precisamente quando Foucault (1999) nos diz que “um corpo disciplinado é a base de um gesto eficiente” (FOUCAULT, 1999, p.178). Nesse contexto, as regras conduzem o ambiente e remetem a resultados, o processo nos permitiu identificar pontos que foram considerados de extrema importância no trabalho, e

que rompem com os estereótipos, reverberando em um novo olhar diante do sistema dos corpos dóceis.

O ato de regar vem da construção da sociedade, e com deficientes visuais não é diferente, uma vez que a busca pelo espaço no mundo através das ações inclusivas e principalmente apropriação dos espaços permeando a uma nova formatação é necessária, vindoura desde a construção de um novo modo de processo ao formato social do ambiente escolar e da não punição, sendo amparada por leis que definem a sua colocação nos espaços como regra e direito.

A Lei 7.853, de 24/10/1989, é a lei que com maior abrangência dispõe sobre as questões atinentes à pessoa portadora de deficiência. Estabelece normas gerais que asseguram o exercício dos direitos dos portadores de deficiência e sua integração social, institui a tutela jurisdicional de interesses coletivos ou difusos dessas pessoas, disciplina a atuação do Ministério Público, define crimes e dispõe sobre a Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência e assegura uma educação regular e com acessibilidade. (BRASIL, p.101, 1989)

Levando assim uma leitura do que compõe a luta pelo lugar no espaço, remetendo ao ser e o mundo, gerando uma necessidade de inserção e reinserção do deficiente visual proveniente de anos, desde a implantação das leis sobre inclusão escolar e acessibilidade dos deficientes nos meios onde ocorre a inclusão efetiva, na qual os preceitos e objetivos pensados para essa são constantemente reiterados e principalmente reimplantados, a necessidade da inclusão que reverbere de forma consistente é de extrema importância. No caso da interação com o meio no nosso trabalho, visamos o ensino de maneira ampla e eficaz, que consiga efetivar os objetivos traçados para o desenvolvimento humano. Na construção da peça, optamos por fazer uma inserção pedagógica e teatral no contexto amplo da palavra adaptação, ou seja, propiciar um espaço autônomo, de acordo com o direito adquirido de acessibilidade.

Partindo da formação do sistema, da realidade, da sociedade e principalmente dos espaços que nos relacionamos, Foucault (1999) nos faz refletir: “[...] um espaço fechado, recortado, vigiado em todos os seus pontos, onde os indivíduos estão inseridos num lugar físico onde os menores movimentos são controlados onde todos os acontecimentos são registrados [...]” (FOUCAULT, 1999, p. 174), e por este motivo, modificamos os espaços e adaptamos para atender as necessidades apresentadas neste trabalho, já que trabalhar movimentação espacial, corpo, sensibilidade, entrega, confiança e outros aspectos os quais acreditamos serem essenciais no trabalho com a linguagem teatral, com uma pessoa com deficiência visual, requer preocupação com o espaço e com a maneira como este sujeito relaciona-se nele. Somente dessa forma, é possível que uma deficiente visual consiga uma relação de maneira confiante, sem os riscos de ser bloqueada pelo medo de machucar-se, ou então, sem saber onde está e como se posicionar.

O corpo no processo foi tomando forma e a relação do desenvolvimento e docilidade tornaram a investigação mais ativa. A procura por novos caminhos ampliaram a visão e o respaldo o qual aproximam o Teatro da construção de autonomia, como observado na fala de Rezende (2018): “[...] os sujeitos devem ser os autores das suas próprias histórias, e terem liberdade de expressar e contar as coisas de sua maneira” (REZENDE, 2018, p. 66). As escolhas baseadas nas vivências e experiências aconteceram de maneira instintiva, a relação do corpo vem ao encontro com a necessidade de investir em movimentos marcantes e significativos, assim sendo, para iniciar essa investigação, utilizamos o processo desenvolvido por Pina Bausch, onde a mesma desvela no ato de dançar uma importância do impulso interno, a vontade, a necessidade, que se revela pela imagem em movimento, originando a visão que auxiliou na colocação do corpo deficiente visual através da repetição e a familiarização no processo cognitivo. Nas próprias palavras de Bausch (2000):

A técnica é importante, mas é só um fundamento. Certas coisas se podem dizer com palavras, e outras, com movimentos. Há instantes, porém, em que perdemos totalmente a fala, em que

ficamos totalmente pasmos e perplexos, sem saber para onde ir. É aí que tem início a dança... (PINA BAUSCH, 2000, entrevista)

A citação referenciada remete ao trabalho realizado e analisado, como propostas de conceituação e construção do corpo junto ao contexto teatral e a teatralidade que compõe a elaboração de uma personificação do atuar. A dualidade entre o contexto e a vivência se fundiu diante tantas vertentes que almejam a própria reação de impulsionar e ampliar a autonomia, visando a construção do ato de incluir, desmistificar e principalmente encorajar.

A contextualização do processo é pautada na construção ímpar de um ser único e de uma docência, levando em consideração todos os atravessamentos, a corporeidade, a autonomia, a acessibilidade e a sensibilidade neste mundo caótico onde estamos estabelecidos, como vimos na colocação de Rezende (2018):

[...] a linguagem teatral, respaldada pela Educação Estético-Ambiental, permite o desenvolvimento de habilidades como a sensibilidade humana, a timidez, liberdade de expressão e a oralidade assim como permite um ressignificar constante da prática docente. (CZARNESKI REZENDE, 2018, p. 73)

A linguagem teatral aproxima, viabiliza e permite que haja uma maior interação com o mundo, no contexto do processo, com relação a inserção de uma pessoa com deficiência em todos os espaços de maneira ativa, remetendo a necessidade de incluir, estabelecendo uma ação educacional através do Teatro, aproximando e expondo, vindo ao encontro a fala de Mantoan (2003), quando diz: “no desejo da homogeneidade, que tem muito em comum com a democracia de massas, destruíram-se muitas diferenças que nós hoje consideramos valiosas e importantes” (MANTOAN, 2003, p21). A valorização da diferença permitiu que o processo tomasse forma, à docência desenvolvida através do processo colaborativo de construção, remeteu a uma roupagem nova, apropriando e dando forma a uma colaboração de incentivo e impulsionamento

da autonomia e autoconfiança necessárias para o desenvolvimento gradual das ações presentes.

Sendo assim, as escolhas e o contexto foram priorizados no objeto a ser pesquisado, dentro de uma proposta carregada de afeto e carinho, onde pudemos desfrutar e vivenciar, remetendo sempre a questionamentos que levam à procura e ânsia de um melhor aproveitamento de nós mesmos no mundo, que exprime o universo onde estamos submersos, quando percebemos as diferenças e as peculiaridades que compõem as sociedades em cada pedacinho de cada ser. Para que essa perspectiva torne-se viável e compreensível, “é preciso que tenhamos o direito de sermos diferentes quando a igualdade nos descaracteriza e o direito de sermos iguais quando a diferença nos inferioriza” (MANTOAN, 2003, p.21). As palavras da autora aproximam, revelam e instigam que não tenhamos receio da vivência e relação com o diferente, não havendo a priorização pelo igual, o dito normal, em detrimento da diferença. Necessitamos respeitar a trajetória e particularidades de cada um, nada nem ninguém pode nos diminuir, e, por isso, as escolhas do processo foram feitas para que houvesse uma construção e não imposição.

O ato de educar, ser professora, escolher o Teatro, brigar pelo espaço dele no processo do desenvolvimento humano que é o ambiente educacional, motivou-me em minhas decisões, e o processo veio baseado em angústias, esperanças pessoais, tal como a necessidade de lutar pelo potencial de modificação e ganhos que ele causaria na vida das pessoas envolvidas. Na percepção docente e na relação com o entorno, no crescimento de todas as partes pertencentes ao desenvolvimento do processo, levando até a ação, viabilizando que haja uma mudança possível a partir do trabalho, o que nos permite perceber um aprimoramento sobre as potencialidades de cada um.

A escolha da prática docente remete ao que inspira e move a atuação no trabalho de ser professora, ao ver o potencial que há dentro de cada um. Talvez a palavra esperança traga um significado profundo do sentimento que abarca a real noção que expressam as palavras: acreditar, confiar, crer, amar, lutar, envolver e agir. No caso do objeto de estudo é possível sentir, viver e desenvolver ainda mais essas habilidades que já estão imbricadas em meu ser.



A concepção do trabalho está embebida de expectativas e a cada dia as reduzia, modificava, adequava e readequava, mas ao final, enxergava o que realmente era preciso e como reverberava as propostas no corpo, na interação e na reação.

A partir da prática docente, a reflexão a respeito das palavras, ação, crítica, mudança, adaptação e finalidade, vieram desde o momento onde tive de parar e pensar no ato de ser uma educadora, e dessa forma aproximei-me da escrita de Paulo Freire (1968), da pedagogia do oprimido e, por fim, vi na pedagogia da esperança (1997), que o ato concreto de educar vem do sentimento de superação e lutas históricas, como visto nas próprias palavras do autor: “[...] esperança é necessária, mas não é suficiente. Ela, só, não ganha a luta, mas sem ela a luta fraqueja e titubeia” (FREIRE, 1997 p. 05), por isso a esperança precisa estar apoiada em uma práxis. Como ele ressalta: “enquanto necessidade ontológica, a esperança precisa da prática para tornar-se concretude histórica” (FREIRE, 1997 p. 05).

O processo de escolhas, criação e desenvolvimento do ser educador/diretor/parte do processo, foi modificador na minha vida e na de quem participou, por isso não seria justo falar do ato de educar/ensinar e não trazer quem realmente escreveu e descreveu essa circunstância tão importante e transcendente, que é a docência. Porém, falar de ser professor, trabalhador a favor da educação remete a força e a luta por tantas pautas necessárias que cada parte desse imenso sistema abrange, no meu caso, a possibilidade de perceber o desenvolvimento de pessoas com deficiência visual, com relação ao corpo, espaço, cultura e arte.

Ao encontro dessas questões, é necessário refletir sobre as palavras de Paulo Freire (1997), que mostra a vontade de unir o desenvolvimento inclusivo, associado ao ser educador(a), que se preocupa com a transformação social, tendo como compromisso lutar e assegurar uma educação de qualidade, apesar de todos os obstáculos que se empõem à realização efetiva da prática docente, mostrando as possibilidades de todos. “[...] Pouco podemos fazer porque dificilmente lutamos e quando lutamos, enquanto desesperançados ou desesperados, a nossa é uma luta suicida, é um corpo-a-corpo puramente vingativo” (FREIRE, 1997, p. 11).

O dizer e redizer o que foi feito, transpõe a pedagogia da esperança, que reflete nas escolhas como docente dentro do processo, onde pude identificar, reinventar, reivindicar e vivenciar potenciais únicos em uma persona dotada de inúmeras facetas, buscas e individualidades. O conhecer e desbravar o diferente remete à necessidade do enxergar quem não é visto, no caso o deficiente visual, uma vez não ser dotado de uma praticidade, sendo exigido, então, uma série de recursos além do que é concebido socialmente dentro da normalidade, ou seja, exige um envolvimento efetivo, objetos específicos e pensados para eles, envolvimento, responsabilidade e, acima de tudo, necessitam ser priorizados em um espaço que seja adequado às suas necessidades. Somente desta forma, eles podem parar de ser vistos no contexto social como seres reclusos e a margem das propostas gerais da sociedade, o que viabiliza, a imersão na sua realidade por meio da linguagem e, nesse sentido, a linguagem se torna caminho de invenção da cidadania com ideologia e condutora de mutações necessárias.

Como declara Freire (1997): “os momentos que vivemos ou são instantes de um processo anteriormente iniciado ou inauguram um novo processo de qualquer forma referido a algo passado” (FREIRE, 1997 p. 28). Nesse sentido, a tarefa do educador é educar para a esperança, não importam os obstáculos, pois sem ela pouco pode-se fazer, porque dificilmente lutaremos ou buscaremos um horizonte onde possa vislumbrar uma realidade diferente da conhecida atualmente, na qual o aluno seja considerado sujeito de sua própria vida.

Levando ao professor a incumbência de estar sempre buscando adaptações, novas formas de aprendizado, lutando e reestruturando para que consigamos trazer originalidade na atuação da docência, trazendo uma novidade ou até mesmo expondo uma vivência aos que desconhecem o diferente, as palavras de Freire: “[...] não podemos existir sem nos interrogar sobre o amanhã, sobre o que virá, a favor de que, contra que, a favor de quem, contra quem virá, sem nos interrogar em torno de como fazer concreto o ‘inédito viável’ demandando de nós a luta por ele...” (FREIRE, 1997, p. 98), vem ao encontro com a luta diante das pautas dos deficientes, da inclusão e do direito, mostrando que existe a necessidade de exigir o que é básico e ela ainda está em nossas mãos. Em outras palavras, o inédito viável conceituado por Freire, no caso do

trabalho com a inclusão, é perceber as dificuldades e possibilidades ao nosso entorno e transformar a realidade em prol de uma educação humana, que se preocupe com as especificidades dos sujeitos, e, acima de tudo, seja significativa para as pessoas com deficiência.

Nesse sentido, devemos ter a mente focada na concretude da ação, do espaço e dos recursos, fazendo assim, que estejamos em uma eterna investigação de quem está conosco, o que virá a ser apresentado, como é vivido no presente para que consigamos almejar, desvelar, criar meios para o futuro, visando uma aproximação da realidade necessária, tendo assim, uma inclusão efetiva aos meios, espaços e direitos básicos, que compõem intrinsecamente a vida de todos nós e que é garantido a todos. Mas, quase sempre lutado pelas minorias, que muitas vezes são negadas a isso.

Por isso, a definição de educação de maneira inclusiva se mostra sobre um processo que busca recolocar na rede de ensino, em todos os seus níveis, as pessoas excluídas, sendo elas portadoras de necessidades especiais, de distúrbios de aprendizagem ou de deficiência física, excluídas por gênero, cor ou outros motivos, qual a proposta real e a necessidade de uma adaptação nos meios curriculares, para que haja uma inserção de todos, não apenas do deficiente. Por isso, nesse trabalho, pudemos investir em vivências únicas com uma deficiente visual, oportunizando sensações, observações do corpo, espaço e criação, levando a uma ampliação do ato de compreender-se e do senso crítico, fazendo com que as adaptações fossem pensadas para atender às necessidades de uma pessoa específica, mas que possibilitaram significações e ressignificações para as pessoas ao entorno desta experiência.

A inserção do diferente faz-se necessária e pauta obrigatória do professor que se preocupa com a docência, pois, hoje, sabemos que todos somos diferentes e a escola é o ambiente onde há o dever de abarcar todas as peculiaridades, como visto na colocação das autoras Ana Paula Mesquita da Silva e Aparecida Martins Arruda (2014), no artigo “O Papel do Professor Diante da Inclusão Escolar” da Revista Eletrônica Saberes da Educação: “A escola não deve ser vista como o local para incluir e sim o lugar que irá apoiar essas pessoas com deficiência, ajudando a desenvolver cada uma dentro do limite de cada

deficiência...”(SILVA; ARRUDA, p. 09, 2014). Remetendo assim, a flexibilidade necessária que o docente deve ter para levar o protagonismo ao diferente, com a mesma relevância do dito “normal”, englobando os alunos e alunas de modo geral, mesmo que por vezes pareça inviável. Não atingimos uma real possibilidade de inclusão tendo apenas leis e projetos que viabilizem isso, a verdadeira necessidade aparente é a formação e foco de profissionais que estejam empenhados a objetivar e buscar realizar na prática uma inserção efetiva do diferente na realidade. Além disso, não podemos deixar de considerar que existe também uma preocupação com meios adaptados e principalmente a ocupação desses espaços, por isso a escolha de não fundir vários indivíduos e sim mostrar a força e potência que uma única pessoa carrega consigo, dotada de força e carregada de simbolismo e potencialidade.

Um dos desafios da inclusão na atualidade é percebê-la de forma panorâmica, ou seja, a observação da coisa como um todo. Existem duas realidades diferentes, uma delas acontece dentro do espaço de uma escola especial, que tem todos os recursos e objetivos voltados a esta realidade. Outra situação bastante distinta é a inclusão em uma escola regular, porque existe a necessidade de preparo dos espaços e dos profissionais para essa realidade. Refletindo sobre a real história da inclusão, constatamos que alguns anos atrás, tal preocupação era inexistente, todavia os avanços vem acontecendo, uma realidade a qual não deve ser negada. O que nos faz refletir sobre essa questão é ter a esperança de, no futuro, quando os estudiosos olharem para a nossa realidade, percebam os enfrentamentos desses momentos de inconstância, invenção e reinvenção, mas que a fim e ao cabo, conseguimos alcançar um panorama que compreenda melhores condições de realizar-se a inclusão na educação.

Atualmente, é ainda, na educação, um desafio a mutação constante de abordagens, da multiplicidade de adaptações e a falta de capacitação, mas em contra ponto, vimos que através da prática, busca, trabalho, ou seja, a práxis educativa, o aluno detentor de uma história única, que percorre o caminho que é só dele, sabe que tem alguém para ir à luta junto a ele, vai existir, pois à docência é isso: brigar, identificar, vibrar, viver, sorrir, chorar, achar que não vai

dar conta e no final é simplesmente amar. Docência é ver o potencial de cada um de acordo com suas capacidades e potencialidades, muitas vezes o professor é quem dá força e impulsiona um ser repleto de potencial. Diante ao contexto inclusivo, as escolhas que nos fazem sentido, são as citadas acima, e a maior delas é que todos somos capazes de sermos o que desejarmos.

## **TRILHAS METODOLÓGICAS**

“Trata-se da vida e, portanto, de encontrar uma linguagem para a vida; e, como sempre, trata-se do que ainda não é arte, mas talvez possa se tornar arte”. (Pina Bauch, 2000)

Neste capítulo, iremos abarcar acerca dos procedimentos metodológicos utilizados ao longo do estudo, tal como os caminhos que me levaram a essas escolhas de trabalho. O que o leitor deve ter em mente ao ler a presente unidade do trabalho é que, ao pensar uma metodologia especialmente focada no desenvolvimento de uma pessoa com deficiência visual, os objetivos e procedimentos utilizados precisam ser pensados especificamente para as possibilidades e para o enfrentamento das dificuldades desta pessoa.

Quanto ao processo de construção da pesquisa escolhi, para a sua realização, uma perspectiva sócio histórica, com caráter de experiência e vivência, através de entrevistas de pessoas que sofreram atravessamentos

durante o processo, no que tange ao desenvolvimento da atriz/aluna. Para a concepção da escolha metodológica decidiu-se ir ao pensamento:

de pesquisa é fundamentada em uma perspectiva sócio histórica, que compreende e descreve os aspectos investigados procurando as suas relações, integrando o individual com o social (FREITAS, 2002). Ainda de acordo com a concepção de Freitas (2002, p. 21), a pesquisa qualitativa baseada na perspectiva sócio histórica destaca a compreensão dos “fenômenos a partir de seu acontecer histórico no qual o particular é considerado uma instância da totalidade social. A pesquisa é vista como uma relação entre sujeitos, portanto dialógica, na qual o pesquisador é uma parte integrante do processo investigativo”. (REZENDE, p. 46, 2018)

A escolha pela pesquisa sócio histórica deu-se por, tal como Vygotsky, acreditar-se que o desenvolvimento do ser acontece durante o processo, caminhos que a sua vida percorre, originando, assim, uma busca por elementos que compuseram o trabalho desde o seu cerne. A decisão pelo tema era clara de maneira pregressa ao início da pesquisa. Iniciando a busca por elementos para compor o trabalho, fomos identificando melhores maneiras para sua estruturação, os processos do princípio de pesquisa, o desenvolvimento e a sua finalidade, através do olhar atento da pesquisadora e de pessoas participantes desse desenvolvimento. A abordagem utilizada diz respeito aos dados produzidos, bem como uma entrevista semiestruturada, com perguntas diretas e indiretas, visando captar o maior número de informações possíveis, escolhemos essa estrutura, pois é uma forma que possibilita uma análise mais profunda sobre o que foi trabalhado por múltiplas visões de pessoas envolvidas no processo. Indo de encontro à um nome de extrema relevância na graduação em artes cênicas, Viola Spolin (2010), trago seu apontamento quando destaca que “se o ambiente permitir, pode-se aprender qualquer coisa, e se o indivíduo permitir, o ambiente lhe ensinará tudo o que tem para ensinar” (SPOLIN, 2010, p.3). No trabalho com uma criança deficiente visual, propiciar o ambiente cabe a mim, tornando-se um papel fundamental. A autora ainda destaca: “experienciar é penetrar no ambiente, é envolver-se total e, organicamente, com ele” (SPOLIN, 2010, p.3).

A técnica escolhida com método principal de coleta foi pensada para abranger diversos elementos, tais como, as entrevistas, um diário de campo da pesquisadora, o ponto de vista da aluna-atriz, de sua família e de profissionais da instituição. Essas diferentes perspectivas levam a composição dessa investigação, para compreender como o corpo foi afetado com as realizações do processo.

Para alcançar este objetivo, de uma visão mais ampla dos afetamentos possibilitados a partir da prática, decidiu-se realizar entrevistas semiestruturadas<sup>3</sup> com quatro pessoas diferentes, com a finalidade de identificar a costura do trabalho dentro de distintos lugares de fala, juntamente a pesquisa de teorias e vivências capazes de originar a construção teórica junto a prática.

Para a análise de dados, decidimos seguir o viés apresentado por Bardin (2000), que pensa o momento de análise como:

um conjunto de técnicas de análise de comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permeiem a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis indefinidas) destas mensagens. (BARDIN, 2000, p.42)

Dessa forma, realizou-se a análise em três etapas distintas e complementares. Na primeira, é realizada uma leitura fluente, onde categorizam-se os dados que conseguimos produzir e, também, pode-se realizar a primeira seleção do que foi encontrado. A segunda etapa consiste em realizar uma exploração do material propriamente dito, onde a reflexão crítica entra em ação a fim de compreender efetivamente os anseios e sensações possibilitados através do processo. E, por fim, a organização do corpus da análise, com a realocação, onde estruturamos os dados a fim de elucidar nossa compreensão acerca do que foi relatado.

---

<sup>3</sup> Os documentos contendo as perguntas pensadas previamente se encontram em anexo a este trabalho.

Para realizar a análise desse trabalho, decidimos convidar quatro pessoas para falarem sobre o que foi desenvolvido na abordagem teatral realizada. Assim sendo, foram convidados a própria menina, que escolheu ser chamada nesta pesquisa por “Emanuele”, sua mãe, próxima de todos os processos e as mudanças que ocorreram na vida da participante, sob o nome por ela escolhido, “Vitória”, a coordenadora pedagógica da instituição, que detém de um convívio longínquo com “Emanuele” e optou ser nomeada como “Maria Clara”, e por fim, a professora de atendimento educacional especializado que, da mesma forma, tem um contato direto com a participante e escolheu o nome de “Joana” para este trabalho.

Como a pesquisa será futuramente disponibilizada para a instituição, optamos pelo recurso onde cada participante pode escolher o nome que receberia, a fim de tornar mais fácil sua identificação quando realizassem a leitura. Da mesma forma, trazendo assim, significados particulares para cada uma com sua identificação em todo o processo.

## **PRÁTICA DE ENCENAÇÃO, PROCESSO ARTÍSTICO**

Neste capítulo, convidamos o leitor a acompanhar a jornada de construção e elaboração deste trabalho de maneira estruturada no processo de formação física da encenação. Iniciei a busca por materiais para embasamento teórico visando a realização do projeto, mas obtive poucos resultados com relação ao teatro com deficientes visuais, encontrando mais aportes com enfoque nas questões de acessibilidade e teatro sensorial. Dessa forma, migrei em minha procura à materiais referentes a teorias da dança, nas danças circulares, no teatro cego, no teatro das sensações e teatro das emoções na própria educação estética, construindo nesses as bases para a composição do nosso trabalho colaborativo<sup>4</sup>, no que tange à corporeidade e a identificação do espaço. Foi então, que casualmente no ano de 2019, no primeiro semestre, pude dispor na prática essa estruturação na disciplina Encenação I, pertencente ao

---

<sup>4</sup> Pode-se dizer que o processo colaborativo visa a criação, em busca da horizontalidade nas relações entre os criadores do espetáculo teatral.



currículo do curso de Teatro Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), ministrada pela Professora Dra. Nara Salles.

A partir desse momento, iniciamos o processo, primeiro com a elaboração de como seria a dinâmica, para que pudéssemos ter tempo hábil de ensaio e construção. Estipulamos, então, encontros semanais, que ocorriam em minha residência ou na casa de familiares.

A segunda parte deu-se no início das elaborações daquilo que construiríamos para levar à cena, até que juntas iniciamos um processo colaborativo visando as vivências imaginárias e pessoais de uma deficiente visual. Com isso, estabelecemos um momento de conversa, onde dialogamos juntas. Alguns questionamentos foram feitos para a delimitação do trabalho desenvolvido, tais como: O que achas que é teatro? Sabes o que é um processo colaborativo? O que gostaria de trabalhar nesse processo? Quais as tuas ideias para esta construção? Após essa conversa inicial, foi apresentada uma proposta para a menina participante da prática, onde conversamos sobre as noções de corpo e espaço, a expressão relacionada com a sensação. Pensamos, então, na construção da dinâmica do contexto da peça, e por fim, foi apresentada a ideia de percepção e possibilidade corporal.

Na terceira parte, idealizamos a construção de um espaço sensorial onde a atriz/aluna tivesse domínio do espaço lançando-se com mais autonomia e leveza, permitindo-se experienciar este espaço de maneira fluida. Pensamos na construção de um espaço onde tivesse limites e ao mesmo tempo marcações, para que ela pudesse locomover-se e encontrar os elementos dispostos no palco, especialmente calculado e projetado para ela. Consideramos a importância de um espaço que fosse cuidadosamente pensado, imutável, para que a participante desenvolvesse familiaridade com ele, acostumando-se ao local, onde, também, teria liberdade de locomoção e possibilidades de interagir sem o medo de tropeçar em algo, machucar-se e, tampouco, corresse o risco de ficar imóvel pelo medo ao desconhecido.

A construção desse espaço foi realizada com materiais que tivessem texturas diferentes, a fim de proporcionar uma fácil identificação pela aluna/atriz.

Inicialmente pensamos na caixa externa, onde viabilizamos um cubo construído com uma armação de canos, facilmente montável e desmontável, e que poderia tranquilamente ser reconstruído em qualquer outro espaço a vir ser necessário, sem a dependência específica do entorno. Em seguida, percebemos que precisaríamos de texturas e marcações no chão, para que fosse possível seu deslocamento. Para tanto, construímos a base do cubo em lona fina e sobre ela usamos diferentes demarcações, tais como: velcro, corda, EVA liso e com texturas e palitos de churrasquinho, todos cuidadosamente dispostos sobre a lona, a fim de demarcar os espaços.

Após tal momento, pensamos em mais artifícios a vir ser utilizados e, para tanto, foram dispostos objetos pendurados a fim de facilitar ainda mais a locomoção da nossa participante. Foram utilizadas fitas de cetim de distintos tamanhos para que fosse possível identificar o espaço onde ela iria estar durante a apresentação da parte do imaginário. Construiu-se, também, uma parte com balões pendurados, para quando ocorresse o momento do sono e interação com objetos concretos. Realizamos uma parte com conchas do mar penduradas, onde ela se localizaria quando fosse performar ao som da canção “Brisa”, da cantora Iza, onde pôde cantar e dançar ao ritmo da música. Essa foi uma escolha da própria aluna, que representa sua força, o fato de não se deixar abalar pelas dificuldades.

Em outro espaço, foram dispostas bandeirolas da bandeira do Brasil, que representam para ela sua relação com o esporte paraolímpico, uma vez que a participante é uma atleta ganhadora de medalhas. Por este motivo, essa representação tem um sentido muito específico para ela, onde nesse espaço, foram expostas suas medalhas, juntamente à duas diferentes bolas representando distintos esportes, sendo uma de pilates, referenciando aos atletas paraolímpicos com deficiência física e uma com guizos, aproximando aos esportes com bola e pessoas com deficiência visual. Foi nesse momento, junto a tais objetos, onde ela realizou diversas ações que remetessem à diferentes esportes, com movimentos que remetessem à corrida, natação, salto, levantamento de peso, e jogou *Goalball*. Após essas representações, a atriz/aluna ainda interagiu com a música “Imaginação”, dos Grandes

Pequeninos, fazendo as interações de acordo com o indicado pela música. Como, por exemplo, no trecho “posso ser um gato miau, miau”, ela imitava o gato, através de gestos, ações e sons.

Após esse momento de criação, o quarto passo foi pensar onde seria o melhor lugar para ocorrer a apresentação. A escolha foi feita pelo espaço escolar da Associação Escola Louis Braille. Com relação ao público o qual gostaríamos que estivesse presente, optamos pelas pessoas que frequentam as dependências da Associação, profissionais, familiares de pacientes e alunos e convidamos, também, pessoas de nossas vivências como colegas e professores da faculdade. Igualmente, tratamos dos processos de acessibilidade para que a compreensão da cena, ações e todo entorno abarcasse integralmente o público. Afinal, nossa intenção é mostrar que todos tem direitos e principalmente a relação com o espaço, no sentido que a participante consiga concretizar sua movimentação e interação com o que foi montado.

O quinto e último passo consistiu em compactuar que não estaríamos visando a produção e o texto decorado, mas o movimento corporal e a autonomia no espaço. Por esse motivo, escolheu-se pela realização de uma peça gravada em formato de áudio, unindo falas, músicas, tendo em vista as pausas de deslocamento e para ser realizada a audiodescrição, vinculando o que está sendo dito com a articulação no palco, possibilitando este contato da pessoa com deficiência visual com o que está acontecendo no espaço/cena.

Com relação a escolha da gravar as falas da aluna/atriz, serviu para tornar-se um meio de maior autonomia corporal sua no espaço da encenação, pois sem tal recurso, ela estaria severamente preocupada com a movimentação, juntamente as falas, o que poderia deixa-la mais nervosa, dificultando a ação corporal. Como acreditamos que o processo de inserção na linguagem teatral deve acontecer de forma confortável e crescente, para esse momento optou-se por essa abordagem, algo que, ao fim, percebemos ter sido uma boa escolha de organização, compreendendo aquilo que vinha sendo pensado. Para viabilizar esse trabalho, coloca-se a narrativa gravada e o ator faz a ação em cima das falas em áudio, editadas e ensaiadas. A áudio-peça é frequentemente utilizada

com deficientes visuais, para que seja possível a compreensão das pausas, corpo e espaço da ação.

A escolha pelo espaço de apresentação no ambiente da Associação Escola Louis Braille, ocorreu para fins de visualização do público externo para com o diferente. Assim como devemos ocupar outros espaços, nosso intuito sempre foi mostrar a que viemos através da arte, o que representa muito bem os objetivos e intencionalidades da Escola. A apresentação ocorreu no pátio (parte externa da escola), o maior público foi da comunidade escolar junto a pacientes do Centro de Reabilitação Visual - CRV, que funciona juntamente da escola, pertencentes à associação. Foram 23 pessoas da comunidade escolar. Também estavam presentes 17 profissionais da instituição, junto a 5 colegas de curso da universidade e 6 familiares, totalizando um público de 51 pessoas assistindo a estreia. A aluna/atriz interagiu com o público, pedindo que aplaudissem durante algumas ações, e em momentos como quando perguntou-os: "você sabem o que eu sou?" Respondendo, em seguida: "Isso, uma atleta paraolímpica", movimentou-se constantemente, para não haver situações onde ficasse de costas para o público e teve uma desenvoltura muito satisfatória.

## **OLHAR SOBRE OS REGISTROS**

"Não se pode falar de educação sem amor."

(Paulo Freire)

Para iniciar este capítulo, nos inspiramos pelas palavras de Freire, a fim de descrever o amor que há desde a concepção da pesquisa, onde deixa claro a motivação que trouxe a investigação, construção e o desenvolvimento do processo e, com isso, abordar através da escrita o sentimento motivador a chegar nas categorias de análise a serem expostas à seguir. Pretendemos relatar alguns pontos importantes desenvolvidos no processo de análise, com questões pertinentes levantadas através de registros realizados por entrevistas nas quais os participantes puderam relatar as contribuições da prática no

desenvolvimento da participante e dos atravessamentos das escolhas na vida de quem pode vivenciar.

A discussão que anseia essa busca é sobre o desenvolvimento global, autônomo e adquirido do deficiente visual através da arte do Teatro, elucidada nas ações escolhidas para desenvolvimento, que retrata teatralidade e a linguagem teatral como potência de expansão das capacidades do corpo, sendo elas físicas ou cognitivas dentro do que permeia a expansão humana no caráter autônomo e individual. Portanto, partindo de tudo o que debatemos neste trabalho até o presente momento, ressaltamos que as escolhas realizadas para essa pesquisa vêm estruturando uma teia de especificações do que nos respalda na realização desse, e agora, iremos nos debruçar sobre os dados coletados através das entrevistas, para compreender de forma mais específica quais foram os resultados.

A possibilidade é distinta em cada sujeito, sendo necessário, então, termos em mente que todos somos detentores de capacidades, diferentes e singulares. Por esse motivo, o processo buscou captar a necessidade da envolvida, com a finalidade de desenvolver uma maior autonomia. Com recursos pensados em uma adaptação efetiva, foram desenvolvidos para que “Emanuele”<sup>56</sup> tivesse um ganho em seu desenvolvimento. Nas palavras ditas em entrevista de “Maria Clara”<sup>7</sup> e “Joana”<sup>8</sup>, podemos notar a importância no âmbito sensorial para o deficiente visual e a proximidade que ele causa estando diretamente vinculado a expressão corporal artística da arte do Teatro.

Começamos nossa escrita das análises falando sobre as escolhas do processo e recursos utilizados, onde foi possível perceber nos relatos coletados, que foram essenciais para o desenvolvimento do trabalho como se deu, e desta forma atuaram de maneira muito específica, como mencionado anteriormente,

---

<sup>5</sup> Todos os nomes utilizados nesta pesquisa foram escolhidos pelas participantes, não sendo seus nomes reais, respeitando desta maneira, as normas estabelecidas pela ética.

<sup>6</sup> Emanuele foi o nome escolhido pela participante do processo.

<sup>7</sup> Maria Clara é a coordenadora pedagógica da associação.

<sup>8</sup> Joana é a professora do atendimento educacional especializado.

quando se propõe um trabalho voltado ao desenvolvimento de uma pessoa com deficiência visual. É deveras importante tudo ser minimamente pensado para atender as necessidades e promover um ambiente mais confiável para a realização de cada etapa. Como é possível vislumbrar na fala explicitada abaixo:

*Escolhas do processo, uma escolha pelo processo em si, toda parte que envolve o cenário, os materiais, a questão sensorial, a escolha de materiais, aguçando os sentidos e buscando desenvolver a parte de percepção dela, foi muito importante. (Maria Clara)*

Como podemos perceber na fala da coordenadora, confirma-se a teoria de que cada ponto escolhido e pensado para o processo, mostra-se extremamente importante para sua realização. Cada mínimo detalhe faz a diferença e se articula de forma muito singular no decorrer do processo.

Abaixo, podemos destacar a fala da professora de atendimento educacional especializado, que também apresenta seu ponto de vista sobre as escolhas do processo e da forma como elas interferem nos resultados percebidos. É essencial salientar, que entendemos como muito importantes os pontos de vista dessas profissionais detentoras de ampla experiência voltada à educação especial, onde falam com propriedade de quem vivencia na prática, diariamente, todas as possibilidades e dificuldades de um trabalho especializado com pessoas com deficiência visual.

*Os recursos utilizados foram muito bem pensados, as marcações no chão, o limite de espaço, aquilo é levar uma real adaptação. A preocupação de adaptar o espaço foi perfeita, a áudio descrição, foram várias histórias, e que todos puderam saber o que estava acontecendo, e assim a gente vê as reais adequações que são possíveis, que sim tem como estar no teatro na dança, em todos os espaços.(Joana)*

A partir do relato de “Joana”, percebemos a confirmação de nossa perspectiva *a priori*, de que cada ponto específico converge para um trabalho efetivamente pensado e articulado para o desenvolvimento humano, para uma

real possibilidade de vivência artística por pessoas que muitas vezes são deixadas de lado pela sociedade. Dizemos isso através de um olhar histórico e social, e desta forma, o que foi realizado mostra-se enquanto uma possibilidade efetiva de viabilização dessas vivências; De vislumbrar uma possibilidade e realizar as adaptações necessárias para que elas se façam acessíveis, permitindo seus acontecimentos. Assim, vamos de ao encontro ao que Freire cita como inédito viável.

O inédito-viável é a percepção que o homem tem que vai além das situações-limites. É uma percepção crítica de que algo é possível de ser vislumbrado, ultrapassado, concretizado pela práxis libertadora e ação dialógica ou outra que pretenda os mesmos fins. Portanto, é uma crença no sonho possível, desde que os que fazem a sua história assim o queiram e ajam para alcançar tal sonho (FREIRE, p. , 2006).

Acreditamos que essas escolhas e a maneira como foram se constituindo, culminaram em relatos da participante que resumem, de certa forma, os sentimentos e a importância que tudo teve para ela. Em poucas frases, compiladas na citação abaixo, conseguimos tecer um entendimento acerca da experiência pelo ponto de vista da participante.

*Exercícios de expressão eu me sentia alegre, eu me adaptei bem aquele espaço, foi bem legal. [...] Eu senti mais vontade era bem legal dava vontade de contar para todo mundo. [...] Me senti muito grata por fazer parte dessa incrível peça. [...] Eu esperava sempre aprender coisas novas. (Emanuele)*

De tal modo, a participante relata os sentimentos e sensações que teve ao realizar a experiência, assim como torna externo o fato de sua alegria ser tanta, que ela queria contar para todas as pessoas conhecidas, demonstrando, então, que a prática foi significativa na vida da participante, era algo onde ela sentia-se confortável em participar e, contudo, marcou sua vida, de certa forma. Além disso, ela apresenta a importância que a prática teve em seu aprendizado, sendo algo que ela sempre queria aprender mais, sentindo-se motivada em

participar, conseguindo reconhecer a importância desses aprendizados em sua vida.

Neste momento, ampliamos o discurso e vimos que a limitação faz parte do desenvolvimento da pessoa com deficiência visual, e é na verdade o que desacomoda, o que faz um educador preocupado com esse desenvolvimento sair de sua zona de conforto e articular as ideias, a fim de promover uma experiência efetivamente relevante. Por este motivo, tornou-se necessário durante o processo identificar, além das necessidades, as dificuldades que se apresentam para a realização de um trabalho como esse. A respeito desse tópico, é essencial destacar a fala da “Maria Clara”:

*A questão da deficiência visual nos limita um pouco, por que se faz muito pela imitação então a gente não tendo esse sentido da visão[...] e com esse trabalho pudemos ver a mudança dela com a postura do corpo, desenvoltura, reconhecimento, em relação ao corpo, esse processo foi visível, e por muitas vezes vinham perguntar e ela falava do Teatro. (Maria Clara)*

Assim, vemos que é vislumbrando as limitações e reconhecendo-as, que se torna possível articular as ideias, os recursos e o próprio trabalho a fim de ultrapassá-las, de reinventar uma realidade onde seja possível e efetive-se o desenvolvimento em seu cerne mais amplo possível. E dessa forma, que se atinjam os objetivos previamente estabelecidos para a proposta. O que vem ao encontro do dito por “Joana”, a seguir:

*A deficiência visual traz consigo o vácuo que se costuma dizer, é assim com crianças e adultos, a sensação de que vai cair ou que tem algum obstáculo, [...]dela saber onde está no espaço, sentar, parar dela saber como colocar o corpo, e nenhum momento ela estava de costas para nós(público) e procurava se colocar, esse trabalho de tocar nela, demonstrar, o que tu faria com outra criança vidente, mas eu acredito que tudo o que tu passou de informação para ela tu teve que tocar nela, mostrar como fazer. (Joana)*



O que podemos perceber no relato acima é o reconhecimento da professora sobre a necessidade da abordagem que foi escolhida, a importância para que o chamado “vácuo da visão” não fosse um impedimento, mas sim ultrapassado, resignificando, e desta forma, que se estabelecesse uma relação ímpar entre aluna e professora. Uma relação de confiança, de desenvolvimento mútuo e aprendizado. Como podemos visualizar na fala extraída do diário de campo da pesquisadora, citada abaixo:

*Aprendi que tenho que respeitar o tempo da aula, mais do que o que se sabe, porque o planejamento muda muito quando estamos trabalhando com um deficiente visual, nós precisamos perceber o que é a finalidade ao longo do processo, eu precisei articular cada ideia ao passo que as coisas iam acontecendo, reinventar a própria prática, e adaptar ao processo. O mais interessante disso tudo é a função do imaginário, independente de expormos ou não, ele nos acompanha por toda a vida, e a parte do imaginário demonstrada pela participante me tocou muito, porque ainda que o deficiente visual não consiga enxergar, ele imagina, ele tem suas próprias ideias de imaginário, que muitas vezes não são externalizadas mas que foram muito importantes no processo. (Pesquisadora)*

Podemos ver que foi um processo de aprendizado mútuo, além dos desenvolvimentos estabelecidos com a participante, a pesquisadora foi diretamente afetada por todo o processo, o que se mostra algo importante a ser relatado nas análises. Uma vez que acreditamos que até mesmo os profissionais experientes no trabalho com pessoas com deficiência tem a constante necessidade de realizar uma práxis educativa, rever, repensar e articular suas abordagens com o objetivo de sempre estar vivenciando e reinventando seu trabalho. Nesse sentido, trazemos mais um relato extraído do diário de campo da pesquisadora:

*Aprendi também que o carinho e a intenção que tu coloca são muito importantes, porque eles sentem muito a vibração e se doam, ela sentiu e se entregou ao processo. Por ter se sentido segura, por ter se envolvido efetivamente como autora do próprio processo, por poder se permitir externalizar seu imaginário, ela se sente respeitada, ouvida e valorizada. (Pesquisadora)*

Na citação acima, podemos perceber o quanto a empatia, o amor, o olhar atento ao outro são, também, peças-chaves neste trabalho. E isso remete a forma como iniciou-se este capítulo, com uma citação de Freire (1997) acerca da importância do amor e do cuidado em nossa profissão. A partir dessas questões citadas, até este ponto vamos nos significando e ressignificando a cada novo passo, a cada descoberta, a cada lente que trocamos para observar de uma perspectiva distinta, e desse modo, nos transformando e auxiliando no processo de transformação do outro. É uma via de mão dupla, sem sombra de dúvidas, e também o que torna esse trabalho tão necessário.

Dando continuidade à organização de nossas análises, atentamos para uma visão de reconhecimento progressivo no campo autônomo, na ocupação de espaços e no desempenho pessoal. Em outras palavras, iremos dissertar sobre os aspectos que foram percebidos ao longo do processo e que dizem respeito ao desenvolvimento progressivo de habilidades da participante. Para tanto, observemos as citações a seguir:

*Agente viu o crescimento dela, quando vocês vinham avançando no processo na desenvoltura, no deslocamento na postura dela crescendo, durante essas conquistas, a gente viu uma desenvoltura toda que ela adquiriu. Vejo nela todo um processo de ganho e conhecimento do corpo ela só ganhou. (Maria Clara)*

Em concordância, vemos o relato a seguir:

*Conhecendo a “Emanuele” a uns 6 ou 7 anos que é o tempo que eu trabalho na escola, a “Emanuele” praticamente entrou uma criança, infantilizada e a gente viu o quanto o teatro foi importante para o crescimento e reconhecimento do corpo dela, ela tinha uns movimentos e gestos derivados da pessoa cega que pela falta de visão ele faz alguns gestos, se coloca de uma certa maneira devido ao vácuo da falta de visão e isso só é trabalhado com essas expressões corporais, os jogos corporais, noções orientações espaciais, eu gosto de falar de dois sentidos que embora agente conheça não trabalha muito ou trabalha sem perceber que está trabalhando e acho que foi o que aconteceu, que são o sistema próprio perceptivo*

*que é aquilo que controla o nosso corpo e controla os nossos músculos e o sistema vestibular que controla o nosso equilíbrio, eram duas coisas que ela tinha uma defasagem, no jeito de posicionar, do jeito de caminhar, esses dois sistemas tem influência nisso daí, e ela tinha dificuldade ali na apresentação tu via na hora do sentar, no momento de caminhar perceber isso o momento de levantar, de parar... (Joana)*

Podemos perceber, pelos relatos acima explicitados, que o desenvolvimento foi notório às pessoas de seu entorno e convívio. Ambas entrevistadas perceberam um salto corporal e cognitivo expressivo na participante. E esse é outro tópico o qual gostaríamos de ressaltar, pois acreditamos que dentro do desenvolvimento de habilidades, existe um ramo muito diverso a ser explorado. Nesse sentido, em se tratando do desenvolvimento corporal, foram notados outras maneiras de locomover-se e relacionar-se com o próprio corpo. Algo que vai consolidando uma maior liberdade de movimentos, expressões e sensações.

Segundo Foucault, “disciplinados e fabricados à submissão, sujeição. Corpo obediente, com movimentos detalhados, sutil na forma e na disciplina adquirida, quanto mais ÚTIL e obediente; mais dócil.” (FOUCAULT, p.119, 2002). Refletindo sobre tal citação, percebo em como as palavras do autor remetem ao corpo que traz uma docilidade e que essas falas são a principal observação feita até aqui, durante o processo por diferentes ângulos e vivências, da necessidade e investimento sob um corpo nada dócil, que sofreu atravessamentos e uniu-se ao processo, que se permitiu de maneira ampla e apropriou-se de ações rudimentares, porém desconhecidas. Foi o foco e o enfoque no desenvolvimento das ações corporais durante o trabalho, reverberando assim ações concretas do agir.

Por isso, as relações desse corpo com o meio foram ampliando de maneira gradual, a movimentação junto a sensação tornou-se uma expressão que, por vezes, não acontecia, o equilíbrio e a mobilidade deram um novo sentido a autonomia e causaram estranhamentos e investigações durante o processo,

tanto para mim quanto para “Emanuele”. Dentro desse crescimento progressivo corporal veio uma maior maturidade e notoriedade das pessoas que com ela conviviam.

Ao encontro do que viemos discutindo nesta parte, trazemos uma fala da mãe da participante, que nos tocou profundamente, no sentido de demonstrar um novo olhar de quem convive diariamente com a menina. Ela conseguiu perceber e reconhecer um desenvolvimento diferenciado, uma nova maneira de relacionar-se na filha, o que é importante, também, para nosso trabalho. Não apenas considerar as percepções das profissionais relacionadas a ela, mas também suas transformações dentro de seu seio familiar, o modo como a mãe concebeu as atividades experienciadas pela filha.

*Desenvolvimento dela mesmo, ela não tinha dificuldade de se locomove sozinha, mas eu pensei muitas vezes será que ela pode fazer e eu vi que ela pode fazer, pra ela foi muito bom toda coordenação dela motora, ela tinha mais sentido até nas aulas ela já ia mais animada por que tinha o teatro depois, e estava sempre naquela ansiedade, com força de vontade sabe. (Vitória)*

Já no âmbito do campo cognitivo, foi possível perceber uma relação de autoconhecimento, estruturação das ideias, empoderamento e segurança. Essas noções são importantes de serem trabalhadas em qualquer criança, mas tornam-se ainda mais essenciais quando tratado de uma deficiente visual, pois reverbera em uma destruição dos estereótipos, a fim de uma nova perspectiva sensorial. A autonomia de ideia e pensamentos, a realização de um romper com as amarras que são pré-concebidas, acreditamos serem aspectos extremamente relevantes, a partir dessa perspectiva. Em concordância a esse pensamento, trazemos a citação abaixo:

*O auto reconhecimento dela, a desenvoltura o amadurecimento, o domínio do espaço, estando com a confiança dela passada na culminância do processo junto ao espaço delimitado, apresentou no processo, tudo o que*

*se trabalhou eu me reconheço, eu sei o espaço que eu domínio o que eu estou fazendo. (Maria Clara)*

Aliado a esses ganhos, foi percebido pela professora, também, uma satisfação por parte da participante. Além de todas as demonstrações de desenvolvimento, foi relatada uma significativa aparente satisfação com a participação no processo, que pode ser vislumbrada na fala abaixo:

*Vivencia relatos, olha era felicidade só, se deixasse ela tomava conta da aula e me contava desde o momento que ela saiu da escola, e a gente percebe que ela estava feliz, contava o que fazia, como tu ensinava e ela repetia, e a gente pode ver que aos pouquinhos ela saiu da fase de criança e pra adolescência, ... o teatro ajudou muito nessa transição dela, mudança foram auto estima, o andar dela ela andava tipo marcha e ela passou a andar melhor, e ela usava mais a bengala, e se ela pudesse viver a vida dela no teatro ela viveria. (Joana)*

Esse relato nos permite pensar qual o objetivo da educação, afinal. Se não é desenvolver os sujeitos de forma significativa e satisfatória, a fim de provocar, e através dessa provocação propiciar um ambiente acolhedor e facilitador do desenvolvimento, então não estamos agindo em prol da educação efetiva a qual acreditamos. Nesse sentido, percebemos através das análises dos relatos, que tudo o que foi pensado e objetivado com o planejamento do processo foi, aos poucos, sendo vislumbrado. O que permite um pensamento de perceber as características, adaptar, e emparelhar os acontecimentos, a fim de atingir aos objetivos; É um caminho árduo, contudo, reverbera novos frutos que surgem ao longo do processo. O que vem ao encontro do que relata a participante “Emanuele”, quando diz: “Pra mim foi bem legal participar, eu achei divertido, alegre. O que eu mais gostava era a parte do cenário, da imaginação.”

A respeito da culminância do processo, traremos as falas expressas pelas entrevistadas a fim de compreender como tudo pareceu para essas envolvidas, quais suas conclusões e percepções sobre o que foi realizado. Salientamos, inclusive, que a visão por elas expressa acrescenta um tempero especial, no que

se refere às expectativas que foram ultrapassadas, de acordo com as entrevistadas. Na fala de “Joana”:

*O produto final foi muita emoção, a “Emanuele” ganhou em tudo na autonomia na auto estima, na comunicação os processos mentais dela a concentração a imaginação e tudo o que ela fez de uma forma muito bonita, se souberem o quanto ela evoluiu na escrita Braille, a atenção que ela necessitou ter com ela, porque antes ela sentava para fazer a leitura Braille e se dispersava, estava sempre cansada e o trabalho auxiliou nisso, e no futuro ela vai lembrar ajudou muito na atenção. (Joana)*

Dessa forma, concluímos nossas análises salientando que ao final, o considerado mais relevante é que a construção do processo se confirmou como sendo de extrema importância no desenvolvimento da participante e reverberou em diferentes atravessamentos pelas concepções apresentadas. E o que consideramos ainda mais satisfatório, foi ver que as colegas professoras, a família e a própria participante, relataram ter sido notável a percepção de aspectos relevantes em seu desenvolvimento. O sentimento restante é que os objetivos foram alcançados e até mesmo transpostos, e dessa forma, inicia-se em nossa concepção, uma percepção sensível sobre um trabalho especializado voltado ao desenvolvimento de pessoas com deficiência visual.

## **TECITURAS FINAIS**

Neste Trabalho de conclusão de Curso, procurei, a partir das experiências e vivências de um processo junto a uma pessoa com deficiência visual, explorar as potencialidades e construir uma contribuição para futuras investigações, incentivos e atuações através da exposição do processo. Analisei o trabalho desenvolvido pela visão de quem estava dentro, em sua elaboração, no entorno e sofrendo os atravessamentos possibilitados através do trabalho. Para isso, utilizei alguns pensadores que acreditam no desenvolvimento, na ação corporal e tantas outras potencias e habilidades humanas, me levando a chegar em algumas considerações significativas.

Durante o processo, a construção da partitura corporal e a escrita do trabalho de pesquisa, foram aparecendo a cada investida e busca de possibilidades de aprimoramento corporal, dessa forma, percebemos que o teatro, enquanto uma arte fundamentada na sensação e emoção, no entretenimento e no apelo visual, tornou-se potência de construção e desenvolvimento corporal. Nesse sentido, a aluna, a pesquisadora, demais profissionais envolvidos e a família puderam manifestar o que notaram durante o processo de experimentação, de auto-observação com os acontecimentos e movimentações que ocorreram em todos os afetados. Para saber como deu-se essa experiência, desenvolvemos uma entrevista semiestruturada com a família da “Emanuele” e profissionais atuantes diretos com ela em outros espaços e setores, onde foi possível, a partir das conversas, juntamente a informações fornecidas, separar os elementos por tópicos. E dessa forma, desenvolver a análise que compõe o corpo do trabalho.

Através das vivências, observações e entrevistas, apresentamos ao/a leitor(a) algumas considerações finais. A primeira, trata-se sobre a inclusão do deficiente em todos os espaços. Tais relações não são estáticas, mas estão refazendo-se a todo o momento. Da mesma forma, o Teatro como uma ação cultural fundada nas relações humanas, também perpassa por reconfigurações, assim, somente sendo ele possível, porque somos seres passíveis de criação e adaptação. A partir disso, observamos que inclusão em todos os espaços só é possível se houver uma adaptação real, uma visão das necessidades de cada um, da soltura e apropriação do corpo, uma criação própria, repleta de partituras, envolvendo muito foco e ensaio.

Nesse contexto do espaço teatral, quando as pessoas estão em convívio, seja no teatro, em na escola, com suas famílias, a percepção sobre a realidade toma uma dimensão muito estreita do real. Mas, com a necessidade desse estreitamento e captação contextual, tornou-se necessário trazer na fundamentação teórica alguns pensadores, atuantes na área da cognição intrínseca, como Michel Foucault, Vygotsky, percepção corpóreas com Pina Baush, a visão estético-ambiental através de Pauline Rezende, Freitas e Bardin nas metodologias de pesquisas. E perspectivas educacionais com Paulo Freire

e Mantoan, Ana Paula Silva e Aparecida Arruda, foram o enfoque e também uma ressignificação da docência. Juntamente, não podendo ser diferente, uma vez que todo o trabalho permeia, em conjunto ao demais, a arte teatral, aportes pontuais das autoras Taís Ferreira e Viola Spolin, foram fundamentais para uma visão mais esclarecedora acerca das intenções do processo.

No terceiro momento, vimos a metodologia utilizada para desenvolver o trabalho, desde a escolha inicial, até a apresentação, passando, então, para o processo de construção desta pesquisa, encontrar meios através da experimentação e da criação mesmo nessa configuração, foi preciso de ferramentas necessárias para desenvolvermos o processo. Utilizando, então, principalmente o corpo e as suas potencialidades, passando para um ambiente adaptado e chegando a investigação do entorno.

No quarto e último momento abordamos através das entrevistas considerações que não detêm de um caráter óbvio, tratando de pessoas com deficiência visual, naturalizando os processos intrínsecos que por vezes são corriqueiros, mas que no caso de deficientes visuais tornam-se um desafio. As experiências promoveram saberes e dessa forma produzimos conhecimento. Ao longo das análises, pudemos perceber que o desenvolvimento da “Emanuele” foi manifestando-se em outros espaços e causando afetamentos nas demais pessoas, por isso, acreditamos que esse processo foi um gerador necessário, tanto para ela, quanto para os envolvidos. Perceber a existência de atravessamentos positivos mostra que não se trata de vencer, terminar, mas sim viver o processo efetivamente, saboreando cada ganho, e então, ir ampliando as vivências.

Esse trabalho me fez refletir acerca do teatro versus educação e principalmente a inclusão de deficientes, mas ao mesmo tempo pude notar a potência que o Teatro pode tornar-se na vida de uma criança, para a construção da autonomia, o empoderamento de uma pessoa que anseia por liberdade de expressão e descobertas. Por isso, pude refletir a importância do Teatro para o desenvolvimento de todos e principalmente para as pessoas com deficiência, qual a real ação existente entre a troca e a vivência, o quão importante é pra



mim toda essa oportunidade de ver o crescimento através de um trabalho árduo de busca, para que houvesse, além da minha pesquisa e minha construção pessoal de vida, ganhos a uma pessoa que necessita, busca seu espaço, empoderamento de si e do seu entorno, que mesmo com limites permite-se voar. São tantas reflexões que me compuseram até aqui e ainda irão compor-me diante a toda experienciação vivida nessa encenação. Penso que as escolhas movem os sentimentos e a forma que vimos o mundo.

Para mim, as descobertas iniciaram a partir do momento em que eu quis realizar esse trabalho, onde pude analisar desde quem, a qual ação iria abordar, mas dentre tantas escolhas os anseios, trazendo algumas em caráter pontual bem como a questão do corpo, espaço versus a relação interna de uma pessoa que não dispõe visualmente de práticas habituais, que são tão banais aos videntes. As capacidades e superações presentes junto à força de vontade e do empoderamento do seu próprio corpo. Para uma deficiente visual, isso é muito forte. A necessidade de eternização do processo para conhecimento de todos, relacionando as vivências pelo olhar de docente sobre uma pessoa que vive em um universo sensorial onde, durante sua realização, pudemos notar um crescimento em âmbito geral no desenvolvimento social, corporal, autônomo e principalmente pessoal, relacionando a individualidade e apropriação de si e do espaço que pertence. Ou seja, todos os espaços. Posso afirmar que hoje sou melhor e mais completa, caminho olhando para frente e almejando um futuro onde todos estejamos preenchendo nossos espaços de maneira igualitária.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2000.

BAUCH, Pina. **Entrevista**. Jornal Folha de São Paulo, 2000.  
<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs2708200006.htm>

BRASIL, Constituição Nacional. **A Lei 7.853, 1989**. Disponível em:  
[//presrepublica.jusbrasil.com.br/legislação/109358/lei-7853-89](http://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislação/109358/lei-7853-89) Acesso em: 26 de junho de 2020.

CZARNESKI REZENDE, Pauline Apolinário. **Educação estético-ambiental na formação de professores: transformações e percepções possíveis a partir da linguagem teatral**. Rio Grande/RS, 2018. <https://ppgea.furg.br/dissertacoes-e-teses/55-publicacoes-de-2019/565-12209dissertacao-pauline-apolinario-czarneski>

FERREIRA, Taís, FALKEMBACH, Maria Fonseca. **Teatro e Dança nos anos iniciais**. Porto Alegre: Mediação, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**. Editora Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Editora Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1994.

FREITAS, Maria Tereza de Assunção. A abordagem sócio histórica como orientadora da pesquisa qualitativa. **Caderno de Pesquisa**, São Paulo, n. 116, p, 21-29, julho 2002.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Petrópolis, Vozes, 1999. 288p. [https://www.ufsj.edu.br/portal2repositorio/File/centrocultural/foucault\\_vigiar\\_punir.pdf](https://www.ufsj.edu.br/portal2repositorio/File/centrocultural/foucault_vigiar_punir.pdf)

MANTOAN, Maria Tereza. **Inclusão Escolar O que é? Porque? Como fazer?** Moderna, 1<sup>o</sup> edição, 2003.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O pequeno príncipe**. Tradução de Dom Marcos Barbosa – 49<sup>a</sup>.ed.- Rio de Janeiro: Agir, 2015.

SILVA, Ana Paula. ARRUDA, Aparecida Martins. **O papel do professor Diante a Inclusão Escolar Da Revista Eletrônica Saberes da Educação**, 2014.

SPOLIN, Viola. **Improvisação para o Teatro**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

VYGOTSKY, Lev. Semenovich. **A formação Social da Mente: O Desenvolvimento dos Processos Psicológicos Superiores**. 0 Ed. São Paulo Martins Fontes, 2000.

## **Apêndices**

## APÊNDICE A – Termo de Consentimento Informado

Prezado Participante,

Sou aluna do curso de Teatro Licenciatura na Universidade Federal de Pelotas, e estou realizando uma pesquisa sobre o processo criativo intitulado “O fantástico mundo de Dóris”. Gostaria de te convidar a participar desse processo. A tua participação é de imprescindível importância para o meu trabalho de conclusão de curso.

Minha pesquisa ocorre durante um processo colaborativo junto a uma aluna a qual estará fazendo parte do processo de captação de dados, caso não queiras participar mais no decorrer do processo, podes ficar à vontade.

Deixarei claro aqui que não haverá benefícios diretos em decorrência da tua participação, o único benefício é a consciência de teres participado de uma pesquisa e contribuindo com o campo científico.

Gostaria de salientar que a tua identidade ficará em sigilo total, somente eu saberei quem foi que deu determinada informação, e que todas as informações coletadas serão utilizadas somente em cunho acadêmico, respeitando os preceitos da ética que regem este tipo de atividade. Se tiveres qualquer dúvida em relação à pesquisa pode entrar em contato pelo e-mail: [andressablaas5@gmail.com](mailto:andressablaas5@gmail.com) ou pelo telefone (53)991278691. Se tiveres

qualquer dúvida sobre o processo, podes entrar em contato também com a minha orientadora de pesquisa, a Prof. Msc. Pauline Apolinario Czarneski Rezende, pelo e-mail: [paulineczarneski@yahoo.com.br](mailto:paulineczarneski@yahoo.com.br), ou pelo telefone: (53)991531413.

Atenciosamente,

\_\_\_\_\_ Data:  
\_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Consisto em participar deste estudo

\_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/  
\_\_\_\_\_

## **APÊNDICE B – Termo de Consentimento Informado para menor de idade**

Prezado Participante,

Sou aluna do curso de Teatro Licenciatura na Universidade Federal de Pelotas, e estou realizando uma pesquisa sobre o processo criativo intitulado “O fantástico mundo de Dóris”. Gostaria de te convidar a participar desse processo. A tua participação é de imprescindível importância para o meu trabalho de conclusão de curso.

Minha pesquisa ocorre durante um processo colaborativo junto a uma aluna a qual estará fazendo parte do processo de captação de dados, caso não queiras participar mais no decorrer do processo, podes ficar à vontade.

Deixarei claro aqui que não haverá benefícios diretos em decorrência da tua participação, o único benefício é a consciência de teres participado de uma pesquisa e contribuindo com o campo científico.

Gostaria de salientar que a tua identidade ficará em sigilo total, somente eu saberei quem foi que deu determinada informação, e que todas as

informações coletadas serão utilizadas somente em cunho acadêmico, respeitando os preceitos da ética que regem este tipo de atividade. Se tiveres qualquer dúvida em relação à pesquisa pode entrar em contato pelo e-mail: [andressablaas5@gmail.com](mailto:andressablaas5@gmail.com) ou pelo telefone (53)991278691. Se tiveres qualquer dúvida sobre o processo, puedes entrar em contato também com a minha orientadora de pesquisa, a Prof. Msc. Pauline Apolinario Czarneski Rezende, pelo e-mail: [paulineczarneski@yahoo.com.br](mailto:paulineczarneski@yahoo.com.br), ou pelo telefone: (53)991531413.

Atenciosamente,

\_\_\_\_\_ Data:  
\_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Consisto em participar deste estudo

\_\_\_\_\_ Data:  
\_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Autorização da responsável

\_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/  
\_\_\_\_\_

### **APÊNDICE C – Termo de Consentimento Informado ao gestor**

Prezado Gestor,

Sou aluna do curso de Teatro Licenciatura na Universidade Federal de Pelotas, e estou realizando uma pesquisa sobre o processo criativo intitulado “O fantástico mundo de Dóris”, realizado na Associação Escola Louis Braille. Gostaria de pedir permissão para citar o nome da instituição no meu trabalho a fim de valorizar a importância que a possibilidade de realização da prática neste espaço, e principalmente, todo o apoio por mim recebido da equipe diretiva e dos colegas de trabalho.

Deixarei claro aqui que não haverá benefícios diretos em decorrência da tua autorização, o único benefício é a valorização das possibilidades ofertadas pela instituição e o reconhecimento pelo trabalho realizado neste espaço.

Penso ser importante esclarecer que todas as informações utilizadas serão publicadas somente em cunho acadêmico, respeitando os preceitos da ética que regem este tipo de atividade. Se tiveres qualquer dúvida em relação à pesquisa pode entrar em contato pelo e-mail: [andressablaas5@gmail.com](mailto:andressablaas5@gmail.com) ou pelo telefone (53)991278691. Se tiveres qualquer dúvida sobre o processo, podes entrar em contato também com a minha orientadora de pesquisa, a Prof. Msc. Pauline Apolinario Czarneski Rezende, pelo e-mail: [paulineczarneski@yahoo.com.br](mailto:paulineczarneski@yahoo.com.br), ou pelo telefone: (53)991531413.

Atenciosamente,

\_\_\_\_\_ Data:  
\_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Consisto em participar deste estudo

\_\_\_\_\_ Data:  
\_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Autorização da responsável

## **APÊNDICE D – Instrumento de coleta de dados**

### **Dados de identificação da entrevistada**

Nome da  
entrevistada: \_\_\_\_\_



Idade: \_\_\_\_\_

Profissão: \_\_\_\_\_

Local de  
trabalho: \_\_\_\_\_

Formação: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

Área de  
atuação: \_\_\_\_\_

Nome que gostaria de receber na  
pesquisa: \_\_\_\_\_

Onde nasceu e  
viveu \_\_\_\_\_

Data da  
entrevista \_\_\_\_\_ Horário \_\_\_\_\_ Duração \_\_\_\_\_

Local da  
entrevista: \_\_\_\_\_

E-mail do  
entrevistado: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Assinatura

**APÊNDICE E** - Instrumento de coleta de dados

**Dados de identificação da entrevistada**

Nome da  
responsável: \_\_\_\_\_

RG: \_\_\_\_\_

CPF: \_\_\_\_\_

Nome da  
entrevistada: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_

Profissão: \_\_\_\_\_

Local de  
trabalho: \_\_\_\_\_

Formação: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

Área de  
atuação: \_\_\_\_\_

Nome que gostaria de receber na  
pesquisa: \_\_\_\_\_

Onde nasceu e  
viveu \_\_\_\_\_

Data da  
entrevista \_\_\_\_\_ Horário \_\_\_\_\_ Duração \_\_\_\_\_

Local da  
entrevista: \_\_\_\_\_

E-mail do  
entrevistado: \_\_\_\_\_

---

Assinatura

---

Assinatura do responsável

## APÊNDICE F – Autorização de uso de áudio e imagem

### Autorização de uso de áudio e imagem

Eu \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_, portador(a) \_\_\_\_\_ do \_\_\_\_\_ nº \_\_\_\_\_ de  
identidade \_\_\_\_\_, CPF  
nº \_\_\_\_\_, residente \_\_\_\_\_ do  
município \_\_\_\_\_, no \_\_\_\_\_ estado  
\_\_\_\_\_.

autorizo o uso de áudio, imagem e vídeo para fins acadêmicos com o intuito de auxiliar e facilitar o processo de escrita da pesquisa de conclusão de curso da acadêmica Andressa dos Santos Blaas, realizada sob orientação da professora mestre Pauline Apolinario Czarneski Rezende. Deixamos claro que o uso dos materiais midiáticos serão usados exclusivamente em âmbito acadêmico, sem fins lucrativos, e que intencionalidade não é de exposição dos envolvidos no processo.

---

Participante

---

  
Pesquisador**APÊNDICE G – Autorização de uso de áudio e imagem**

Autorização de uso de áudio e imagem

Eu \_\_\_\_\_,  
portador(a) do nº de identidade \_\_\_\_\_, CPF  
nº \_\_\_\_\_, residente do município \_\_\_\_\_, no  
estado \_\_\_\_\_, autorizo minha  
filha \_\_\_\_\_,  
portador(a) do nº de  
identidade \_\_\_\_\_, CPF  
nº \_\_\_\_\_, residente do  
município \_\_\_\_\_, no  
estado \_\_\_\_\_, o uso de áudio, imagem e  
vídeo para fins acadêmicos com o intuito de auxiliar e facilitar o processo de  
escrita da pesquisa de conclusão de curso da acadêmica Andressa dos Santos  
Blaas, realizada sob orientação da professora mestre Pauline Apolinario  
Czarneski Rezende. Deixamos claro que o uso dos materiais midiáticos serão  
usados exclusivamente em âmbito acadêmico, sem fins lucrativos, e que  
intencionalidade não é de exposição dos envolvidos no processo.

---

  
Participante (responsável)

---

Pesquisadora

**APÊNDICE H – Figuras.**



Figura 1. Apresentação de "O fantástico mundo de Dóris". Foto do acervo pessoal



Figura 2. Apresentação de " O fantástico mundo de Dóris". Foto do acervo pessoal

## **Anexos**

### **Anexo 1:** Perguntas para a Aluna:

O que foi pra ti fazer parte do processo criativo e da elaboração do “O fantástico mundo de Dóris”?

O que tu mais gostaste de fazer nesse processo?

O que tu menos gostou com relação a construção do processo?

Qual foi o impacto de diferença na tua vida após o processo?

**Anexo 2:** Perguntas para a Mãe:

O que a senhora pode notar durante o processo quanto a relação da aluna com a peça?

O que motivou a senhora permitir que a sua filha participasse desse processo?

O que a senhora identificou de diferença na aluna durante o processo com relação a autonomia, corpo e espaço nos diferentes?



**Anexo 3:** Pergunta para as professoras:

O que você identificou durante o processo com relação as mudanças espaciais e corporais da aluna?

Quais foram observações com relação as escolhas feitas no processo?

Você identificou mudanças na vida da aluna, que se manifestaram na escola?  
Se sim, quais foram estas?

Com relação a associação qual foi o papel dos envolvidos no processo?

Na apresentação final qual foi a tua impressão sobre a aluna com relação corpo e espaço?